

**Eu, internauta, confesso! Aplicando Freud e Foucault
para pensar recalques e revelações obscuras de si
em comentários de internet**

*I confess! Applying Freud and Foucault
to think repression and dark revelations
in internet comments*

Jeferson BERTOLINI¹

Resumo

Este artigo adota teorias do psicanalista Sigmund Freud e do filósofo Michel Foucault para pensar a agressividade nos comentários de internet. Baseado em levantamento bibliográfico e observação, o texto aponta que as caixas de diálogo de redes sociais e de sites de notícia se converteram em novos tipos de *divã* e *confessionário*, nos quais o homem ocidental moderno tem revelado recalques e verdades obscuras de si.

Palavras-chave: Interatividade. Internet. Agressividade. Inconsciente. Recalque.

Abstract

This article adopts theories of psychoanalyst Sigmund Freud and the philosopher Michel Foucault to think aggression in internet comments. Based on literature and observation, the text says that social networking dialogs and news sites have become new types of divan and confessional, in which modern man has revealed himself settlements and obscure truths.

Keywords: Interactivity. Internet. Aggressiveness. Unconscious. Repression.

Introdução

Em julho de 2015, três meses depois de começar a apresentar o tempo no *Jornal Nacional*, a jornalista Maria Júlia Coutinho foi alvo de ataques racistas na página do noticiário no *Facebook*. Usando perfis falsos, internautas escreveram frases como “só consegui emprego no *JN* por causa das cotas, preta macaca” e “não tenho TV colorida para ficar vendo essa preta, não”.

¹ Doutorando em Ciências Humanas da UFSC. E-mail: jefersonbertolini@gmail.com

Entre outubro e dezembro do mesmo ano, três atrizes negras da emissora também foram alvo de ataques racistas. Taís Araújo, Cris Vianna e Sheron Menezes procuraram a polícia para registrar o caso e usaram as mesmas redes sociais dos ataques para lamentar o episódio e pedir o fim do racismo no país.

Os quatro casos foram amplamente divulgados na *Rede Globo*, a maior emissora do país, e outros veículos de comunicação do país. Eles ilustram bem um problema que se observa na era digital: a acidez de parte dos comentários na internet. O problema ocorre em todo o ambiente virtual, sobretudo nas caixas de comentários das redes sociais e dos sites de notícias.

O problema chegou a tal ponto que já se criou um nome para aqueles que, em vez de emitirem opinião, usam a internet para exalar ódio: *haters!*

Para a psicóloga Pamela Rutledge, do Centro de Pesquisas sobre Psicologia e Mídia, órgão baseado nos EUA, os comentários agressivos geralmente são feitos por pessoas impotentes, frustradas e com necessidade de se impor sobre as outras. “Já estamos acostumados com a ideia de que nosso comportamento obedece a regras sociais, mas ainda não percebemos que o mesmo vale na internet”, disse à *BBC*².

Este artigo busca refletir sobre a agressividade dos comentários no ambiente virtual. Para tanto, usa teorias do psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) e do filósofo francês Michael Foucault (1926-1984). Eles não conheceram sites de notícia. Tampouco foram apresentados ao *Facebook*. Mas teorizaram sobre a confissão, o ato por meio do qual os indivíduos exteriorizam, às vezes sem perceber, suas emoções reprimidas e suas verdades mais íntimas.

O manuscrito baseia-se em *levantamento bibliográfico*, básico ao trabalho científico porque “permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” (FONSECA, 2002, p. 32), e na *observação* aleatória de comentários a partir de notícias publicadas em sites e compartilhadas em redes sociais. A observação, explica Abramo (1979), permite que o pesquisador assista ao fenômeno estudado.

O texto associa temas da Psicologia, da Filosofia e da Comunicação Social por meio de técnica interdisciplinar, usada “sempre que topamos com uma nova disciplina cujo lugar não está traçado no grande mapa dos saberes” (POMBO, 2007, p. 6).

² Íntegra da entrevista disponível em: <http://migre.me/soxVD>. Acessado em: dezembro de 2015.

O artigo está dividido em cinco partes. A primeira trata da *confissão* em Freud, mostrando que ela é essencial para a revelação daquilo que o indivíduo trancafiava no inconsciente. A segunda aborda a *confissão* em Foucault, mostrando que ela revela verdades íntimas do sujeito e produz saberes científicos sobre ele. A terceira resgata apontamentos sobre ciberespaço, onde ocorre a *confissão* moderna. A quarta explora a interatividade, um dos estímulos à confissão no ambiente virtual. A quinta traz, resumidamente, casos ocorridos em 2015, e os relaciona à ideia de banalidade do mal (ARENDETT, 1983).

O texto conclui que o homem ocidental moderno tem feito *confissões* de si e transformado as caixas de comentários em uma espécie de divã virtual. Essas confissões, feitas de forma consciente e inconsciente, produzem saberes sobre os sujeitos e estabelecem novas relações de saber/poder (quem sabe mais, pode mais).

A confissão no divã: libertando os dragões do inconsciente

A *confissão* em Sigmund Freud está diretamente ligada à psicanálise, o método que ele aprimorou entre os séculos 19 e 20 e que previa *a cura pela palavra*. A psicanálise opera a partir de dois termos-chave³: a *libido*, que na obra freudiana está ligada às emoções e afetividades, e não só à sexualidade; e o *inconsciente*, que o austríaco comparava a um porão onde os sujeitos escondem seus dragões.

Freud começou a articular o inconsciente em 1885, quando conheceu o trabalho do neurologista francês Jean-Martin Charcot (1825-1923), que usava hipnose para tratar pacientes com transtornos mentais. Freud tentou o método hipnótico, mas não teve sucesso. Ele experimentou a técnica da confissão quase por acaso, quando trabalhou com o médico austríaco Josef Breuer (1842-1925), que estava conseguindo reduzir sintomas de uma de suas pacientes⁴ pedindo de contasse sobre suas alucinações (COLLIN et al, 2012, p. 94).

Para Freud, o inconsciente dirige em silêncio os pensamentos e os comportamentos dos indivíduos. O austríaco dizia que o inconsciente pode ser acessado

³ Dito em sala de aula em agosto de 2015 por Brígido Vizeu Camargo, professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

⁴ O caso da histérica, como ficou conhecido na literatura freudiana e como é citado em bibliografia médica e psicológica, está bem retratado do filme *Freud, Além da Alma* (1962).

pelos *sonhos* (representam a realização de um desejo), pelos *atos falhos* (lapso verbal por meio do qual se revela uma convicção, um pensamento ou uma emoção reprimida) e por *associações livres* (ao associar palavras livremente, revela-se o que se sente antes de a mente consciente fazer um filtro).

Garcia-Rosa (1994, p. 170) observa que “um aspecto importante a ser ressaltado é o da identificação do inconsciente com o caos, o mistério, o inefável, o ilógico”. Assim, considera-se que o inconsciente abriga aquilo que a mente consciente considera doloroso e inapropriado demais para o indivíduo enfrentar.

Na teoria freudiana, sempre que se tem um pensamento considerado perverso, anormal ou imoral (como sentir desejo sexual pelo pai), a mente consciente o direciona ao inconsciente. Um processo semelhante ocorre com traumas (como abuso sexual). Esse processo dá origem ao *recalque*, que o austríaco chamava de “o pilar sobre o qual descansa o edifício da psicanálise” (TOMASELLI, 2007).

Algumas perguntas que se poderia fazer até aqui são: os comentários em redes sociais e sites de notícias representam uma nova forma de os indivíduos revelarem fatos reprimidos em seu inconsciente? Tais comentários, pela acidez e agressividade, dão pistas de algum traço de recalque do internauta? Aqueles que escrevem comentários agressivos podem estar exteriorizando algum desejo ou emoção reprimida? E a sexualidade? Sendo alvo histórico de repressões morais e religiosas, e aparecendo como um dos pilares da psicanálise, ela pode estar por trás de orientações e ou motivações dos *haters*?

Freud dizia que o inconsciente abriga também as *pulsões de vida* (ligadas às necessidades básicas, como comer e se reproduzir) e as *pulsões de morte* (autodestrutivas). Pulsão é aquilo que orienta o indivíduo. “Além da força das pulsões de vida e de morte, o inconsciente contém a intensidade das memórias e das emoções recalçadas” (COLLIN et al, 2012, p. 97).

A ideia de inconsciente e o desenvolvimento da psicanálise fez de Freud um divisor de águas na Psicologia. Antes dele se pensava na oposição *corpo/alma* (mundo grego)⁵ e na relação *corpo/consciência* (a partir do século 19)⁶.

⁵ A primeira tentativa de se sistematizar uma psicologia ocorreu entre os filósofos gregos, que buscavam *estudar a alma*. O nome deriva do grego *psyché* (alma) e *logos* (razão). Sócrates (469-399 a. C.) foi um marco no período. Ele queria estabelecer o limite entre homem e animal; considerava que este limite era a razão (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2003, p. 32).

A psicanálise quebra a tradição da Psicologia como ciência da razão; coloca em cena o inconsciente e a importância da afetividade. Ela, segundo observam Bock, Furtado e Teixeira (2003, p. 43), é uma das três tendências teóricas da Psicologia do século 20. As outras duas são o *behaviorismo* (define o fato psicológico a partir da noção de comportamento) e a *gestalt* (busca compreender o homem não como um ser fragmentado, mas como uma totalidade).

Ao longo da carreira, Freud afastou-se da mente estruturada por consciente e insciente e propôs a teoria do *id* (obedece ao princípio do prazer), *ego* (considera o princípio da realidade em que vivemos) e o *superego* (funciona como instância do julgamento, da culpa e da vergonha).

A confissão nas instituições: nasce um saber sobre o homem

A *confissão* em Foucault está diretamente ligada à relação saber/poder (pode mais quem sabe mais). Na perspectiva do francês, o homem moderno foi incitado a falar de si na igreja, na escola, nos hospitais e no trabalho; e essas confissões deram origem a um conjunto de saberes sobre ele; foi partir desses saberes que as instituições passaram a exercer poderes sobre os homens.

Um exemplo clássico desse fenômeno observa-se na psiquiatria: ao ouvir, em hospitais, clínicas e sanatórios, as verdades mais profundas daqueles considerados anormais, esse ramo da medicina desenvolveu um conjunto de saberes tão específicos sobre a loucura que, atualmente, tem o poder de dizer quem é louco e quem é são.

Foucault (2015) conclui, então, que não há saber neutro; diz que todo saber é político (não por ligar-se ao Estado, mas porque todo saber tem sua gênese em alguma relação de poder). O autor acrescenta que o poder, longe de impedir o saber, o produz. Essa produção de saber sobre o homem busca criar um estado de vida na população, formando sujeitos economicamente ativos.

Para Foucault, a sexualidade é o tema sobre o qual o homem ocidental moderno mais fez confissões, sobretudo a partir do cristianismo. “O sexo foi aquilo que,

⁶ A Psicologia moderna inicia-se com Wilhelm Wundt (1832-1920). Em 1879, ele criou um laboratório de Psicologia na Universidade de Leipzig, na Alemanha, para estudos psicológicos (JACÓ-VILELA; FERREIRA; PORTUGAL, 2010, p. 101).

nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso” (FOUCAULT, 2015, p. 344).

Segundo o autor (2012), a partir do século 16 a humanidade foi incitada, pelo poder econômico e político, a falar de sexo no consultório médico, na escola e na Igreja. Tal processo intensificou-se a partir do século 18 e abasteceu áreas como medicina, psicologia, psiquiatria, moral e pedagogia.

Para Foucault, o sexo dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todo um micropoder sobre o corpo. Também dá margem a medidas maciças, a estatísticas, a intervenções que visam todo o grupo social.

O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. É por isso que, no século 19, a sexualidade foi esmiuçada em cada existência, nos seus mínimos detalhes; foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância. Mas vêmo-la também tornar-se tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freios à procriação), de campanhas ideológicas de moralização ou de responsabilização (...). De um polo a outro dessa tecnologia do sexo, escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e o da regulação das populações (FOUCAULT, 2012, p. 159).

Na perspectiva do autor, o sexo está na articulação das duas tecnologias de poder iniciadas no século 17: *as disciplinas*, que incidem sobre o corpo dos indivíduos, buscando colocá-lo em uma espécie de molde para torná-lo economicamente produtivo; e a *biopolítica*, que age na população como um todo com os mesmos propósitos. “De um lado, da parte das disciplinas do corpo, temos o adestramento, a intensificação e a distribuição das forças, o ajustamento e a economia de energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se, simultaneamente, nos dois registros” (FOUCAULT, 2012, p. 158).

Ciberespaço: o ambiente no qual se comenta

Os comentários em redes sociais e sites de notícia são um fenômeno recente, que surgiu a reboque do ciberespaço, um sistema de comunicação eletrônica global que se popularizou a partir dos anos 2000.

Para Santaella (2004), o ciberespaço reúne humanos e computadores em uma relação simbiótica que cresce graças à comunicação interativa. “Ciberespaço é um espaço informacional no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de outros usuários” (SANTAELLA, 2004, p. 45).

Lévy (1996) acrescenta que o avanço do ambiente virtual, aquele que “não é falso ou imaginário, mas a dinâmica mesma do mundo comum, através do qual compartilhamos uma realidade”, coloca o computador no centro da relação humana moderna. “No limite só há hoje um único computador, um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma; um computador disperso, vivo, virtual, um computador de Babel: o próprio ciberespaço (LÉVY, 1996, p. 47).

O autor enfatiza que o ciberespaço é um espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores através das quais as informações circulam. “O espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana” (LÉVY, 1996, p. 35).

Um dos resultados dessa interação entre homens e máquinas em rede é o que Lévy (1994, p. 28) classifica de inteligência coletiva, aquela “distribuída por toda parte, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”.

Lemus (2003) diz que o potencial do ciberespaço está em sua capacidade de criar uma comunicação ágil, livre e social que pode ajudar na democratização dos meios de comunicação. O autor acredita que o internauta pode contribuir com os meios na a produção de um conteúdo enriquecido e útil à população.

Do ponto de vista etimológico, cabe destacar que *cyber* vem do grego, e quer dizer controle. Espaço carrega a ideia de lugar. O termo foi empregado pela primeira vez por Gibson (1984), em um romance. O autor considera o ciberespaço “uma representação física e multidimensional do universo abstrato da informação, um lugar

para onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica para trás” (GIBSON, 1984, p. 27).

Interatividade: o impulso ao comentário

Uma das características mais marcantes do ciberespaço é a interatividade. Ela permite a aproximação entre receptor e emissor da mensagem. Assim, os comentários na internet são uma forma básica de interação do internauta.

Salaverría (2005) aponta quatro tipos de interatividade: *conversacional* (na qual ocorre a maior parte dos comentários), *de transmissão* (só permite ativar ou cancelar uma emissão de mensagem), *de consulta* (o usuário escolhe entre um menu de alternativas) e *de registro* (pela qual os meios de comunicação entendem e se adaptam aos usuários).

Santaella (2004, p. 155) distingue três modalidades de interatividade: de *seleção* (consiste, por exemplo, tocar nas teclas de um videocassete para fazer avançar as imagens), de *conteúdo* (oferece ao usuário a ocasião para modificações simuladas do conteúdo de imagens ou mesmo criação de imagens) e *interações mistas* (quando existe mais facilidade de acesso e de consulta).

Zamith (2011) lembra que a interatividade não nasceu com a internet. Ela já estava presente no rádio e na televisão, apesar de normalmente limitada a curtas intervenções, muito condicionadas pelos temas escolhidos e coordenados pelo moderador do debate.

Na internet, as possibilidades de interação dos visitantes, quer entre si, quer com os jornalistas, são maiores, podendo assumir a forma de comentários publicados junto às notícias, troca de emails entre utilizadores e jornalistas, fóruns de discussão, salas de comunicação instantânea, inquéritos ou sistemas de valoração dos conteúdos. Paralelamente, o cibermeio pode permitir que o utilizador participe ativamente no processo de construção noticiosa, nomeadamente através do envio ou publicação de informações, correções, notícias ou reportagens, em texto, fotografia e ou vídeo. A abertura ou não do cibermeio à publicação de conteúdos gerados por utilizadores tem suscitado grande controvérsia (ZAMITH, 2011, p. 28).

Salaverría (2005) destaca que, fora do campo tecnológico operacional, o debate em torno da interatividade se mantém em torno destas questões: qual a contribuição dos cidadãos na construção da atualidade? Os conteúdos gerados pelos utilizadores melhoram a qualidade geral do conteúdo publicado na web? Como incentivar a participação dos utilizadores e assegurar a qualidade da produção de conteúdos de atualidade? Qual o papel do produtor de conteúdo na era da participação do internauta? Deve o jornalista ou o meio de comunicação conservar o papel de guardião da informação?

A ideia de interatividade não pode estar associada só aos computadores, defende Primo (2003). Segundo o autor, o adjetivo *interativo* sempre serviu para qualificar qualquer sistema cujo funcionamento permita ao usuário algum nível de participação.

Silva (1998) nota certa banalidade no termo. Ele cita exemplos fora do mundo dos computadores:

Os exemplos são abundantes. O cinema cujas cadeiras balançam sincronizadamente com o filme exibido é chamado de cinema interativo. Interativo apenas porque as cadeiras balançam, mas ninguém está interagindo com coisa alguma. Na televisão, quando um programa supõe respostas dos telespectadores por telefone, é chamada de TV interativa. Interativa somente porque as pessoas respondem x ou y, sim ou não. No teatro, quando os atores se envolvem diretamente com pessoas da plateia, previamente preparadas ou não, é teatro interativo (SILVA, 1998, p. 35).

O conceito de interação é usado em outras áreas do conhecimento, que não a informática, observa Silva (1998). Na física, refere-se ao comportamento de partículas cujo movimento é alterado pelo movimento de outras partículas. Em sociologia e psicologia social a premissa é: nenhuma ação humana ou social existe separada da interação, conceito que para o setor designa a influência recíproca dos atos de pessoas ou grupos.

A banalidade do mal e a internet

Aquele que observa comentários nas redes sociais e em sites de notícia, sobretudo em reportagens sobre sexo, raça e governo, nota invariavelmente alguma

anotação ácida nas caixas de diálogo. A impressão que se tem, parafraseando a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975), é que o mal se banalizou na internet.

A expressão *banalidade do mal* foi criada nos anos 1960, quando Arendt acompanhou, como enviada da revista *The New Yorker*, o julgamento do nazista Adolf Eichmann em Israel. Eichmann era o braço direito de Hitler. Era acusado de genocídio e crimes contra a humanidade na guerra. Foi enforcado em 1962.

Arendt escreveu, em *Eichmann em Jerusalém* (1963), que o mal se banalizou e que a sociedade ocidental já se acostumou com todo tipo de atrocidades. Anotou isso ao perceber que Eichmann não era antissemita, como estabelecia a condição nazista; era um burocrata que cumpria ordens sem questioná-las. Em outras palavras, era um exemplo claro de alguém que praticava o mal no cotidiano porque havia banalizado e naturalizado o mal.

Os comentários odiosos nas redes sociais e nos sites de notícia não se aproximam da desumanidade verificada nos campos de concentração nazista. Mas também provocam sofrimento. A jornalista Maria Julia Coutinho e as atrizes Taís Araújo, Cris Vianna e Sheron Menezes, vítimas de ataques racistas nas redes sociais em 2015, que o digam.

Na internet, a agressividade não escolhe alvos. Até Armandinho, personagem de tirinhas publicadas em jornais brasileiros, foi afetado por comentários odiosos em 2015. O cartunista Alexandre Beck, criador do personagem, passou a moderar os comentários da *fan page* do menino que leva um sapo na cabeça. “Há quem confunda liberdade de expressão com discurso do ódio”, disse Beck ao jornal *Zero Hora*⁷. A *fan page* do personagem, que trata de temas como direitos humanos, tem mais de 700 mil seguidores.

No caso dos jornais, o marco civil da internet, aprovado em 2014, define que os meios de comunicação não são responsáveis por conteúdos gerados por terceiros. A responsabilidade dos veículos começa apenas a partir de uma ordem judicial determinando a retirada do conteúdo. Antes disso, a responsabilidade recai apenas sobre o autor. Mas há exceções.

Em março de 2015, o jornal *Tudo na Hora* foi condenado a pagar indenização a um ex-desembargador por causa de um comentário de internauta. O comentário foi

⁷ Integra da entrevista disponível em: <http://migre.me/sozmn>. Acessado em: dezembro de 2015.

feito em uma notícia publicada em 2008, antes da criação do marco civil da internet. O jornal argumentou que não tinha a obrigação de controlar as manifestações dos leitores, e que removeu o comentário assim que foi comunicado judicialmente. Mas não adiantou. Foi condenado pelo Superior Tribunal de Justiça.

Em maio do mesmo ano, o blog *Link*, do jornal *O Estado de S.Paulo*, recebeu um comentário desrespeitoso ao postar uma notícia sobre demissão por causa de fotos postadas na internet. O texto dizia que o título era sem graça⁸ e que havia sido feito “por um estagiário que dormiu com o Bozo”. A respeito dos comentários maldosos na internet, os colaboradores do blog escreveram: “Antes da Internet, a única possibilidade de um leitor comum interagir com um jornal ou revista era por meio das cartas, que são selecionadas e editadas pelos veículos. Se uma opinião não é corroborada pelo jornal, pode ser que ela não seja publicada. É interessante viver numa época em que qualquer pessoa pode se manifestar sobre o que leu, ainda que às vezes isso contrarie as opiniões dos jornais, dos autores e – por que não? – dos citados na matéria.”⁹

A psicóloga Juliana Cunha, coordenadora psicossocial da ONG Safernet Brasil, diz que os *haters* fazem comentários de forma impulsiva. “Quando questionados, eles relatam que escreveram e só depois pensam, ou nem sempre pensam”, disse em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*¹⁰. Em 2014, segundo a psicóloga, as denúncias mais comuns foram de ataques racistas e xenofóbicos.

Considerações finais

Confessar constitui um ato que durante muito tempo se praticou na igreja: havia pecados a revelar, biombo, padre e, depois, penitência. Agora, no auge da conectividade e da interatividade, o confessor parece ser outro: o homem ocidental moderno tem revelado faces obscuras, reprimidas e recalçadas nas caixas de comentários de redes sociais, de sites de notícias e afins.

A era digital, aquela na qual passamos de uma escassez de informação sobre a maioria dos assuntos a um excesso de informação a propósito de qualquer coisa (POSTMAN, 2004), *tem produzido sujeitos que confessam!* Na maioria das vezes sem

⁸ O título foi *Demitido, justo por causa* (daquela foto na internet). Disponível em: <http://migre.me/speZR>. Acessado em: dezembro de 2015.

⁹ Texto completo disponível em: <http://migre.me/spf5M>. Acessado em: dezembro de 2015.

¹⁰ Íntegra disponível em: <http://migre.me/spfg5>. Acessado em: dezembro de 2015.

perceber, mostram aquilo que têm de mais repulsivo. Prova disso são os comentários homofóbicos, racistas, étnicos e de classe social que frequentemente viram notícia, em vez de completá-la.

Houve um tempo, como mostra o conceito freudiano de psicanálise, em que os indivíduos se confessavam no divã; fechados entre quatro paredes, diziam aquilo de mais estranho que guardavam dentro de si esperando um apontamento do psicanalista. Depois, como indica a obra foucaultiana, a confissão era praticada em instituições, como hospitais, e proporcionava um conjunto de saberes sobre o homem: ao falar de sexo nos consultórios, por exemplo, o homem permitiu que a medicina montasse um conjunto de saberes sobre seus comportamentos, taras, hábitos e passasse a indicar aquilo que é permitido e aquilo que é proibido.

Na teoria de Foucault, regulações como esta da medicina sobre o sexo estão atreladas ao poder econômico e político. Explica-se: controlando o sexo dos indivíduos, evitando que tenham experiências consideradas perigosas, aplica-se uma série de poderes sobre o corpo dos indivíduos e sobre a população como um todo; e uma população higienizada está mais apta ao trabalho e ao consumo; e estando ocupada com o trabalho e o consumo, não terá tempo e energia para ocupar-se com a política, tornando-se, portanto, um corpo dócil.

Os questionamentos que ficam no ar são: se a psiquiatria tem a verdade sobre a loucura (conquistou este poder após ouvir a confissão de pacientes); se a medicina tem a verdade sobre a vida (passou a exercer este poder sobre após ouvir confissões sobre a sexualidade e afins); se a psicologia tem a verdade sobre os males interiores (conseguiu isso ao ouvir confissões no divã); se o jornalismo tem a verdade da informação (julga ter isso pela ideia de guardião da notícia), *quem terá a verdade sobre aqueles que revelam o mais íntimo de si na internet?* A sociologia, por entender melhor como vivemos em grupo? A mídia, por conhecer melhor o público que a acessa? A pedagogia, por catalogar falhas no processo de formação dos sujeitos? A teologia, por identificar ali aquilo que não se diz no confessionário? Só o tempo dirá! Este talvez seja um fenômeno no qual todos têm algo a ganhar e a perder.

Referências

ABRAMO, Perseu. Pesquisa em ciências sociais. In: **Pesquisa social, projeto e planejamento**. São Paulo: Quieroz Editor, 1979.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalem: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Diagrama & Texto, 1983.

BOCK, Ana Mercê Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**, 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

COLLIN, Catherine (et al). **O livro da psicologia**; tradução de Maria Hermeto e Ana Luisa Martins. São Paulo: Globo, 2012.

FILHO, Clézio Fonseca. **História da Comunicação: o caminho do pensamento e da tecnologia**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007.

FONSECA, João José. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

_____. **Microfísica do poder**; tradução de Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Circulo do Livro, 1999.

_____. **Cinco lições de psicanálise e contribuições à psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

GARCIA-ROSA, Luiz Alberto. **Freud e o inconsciente**, 23. ed. Rio de Janeiro; Zahar, 1994.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1984.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

LEMUS, André. **Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva**. In. Cibercidade. Cidades na cibercultura. Rio de Janeiro. Editora e-papers, 2003.

PRIMO, Alex. **Quão interativo é o hipertexto?** Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, 2003.

POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade.** Conferencia proferida no Colóquio "Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade", promovido pela Cátedra Humanismo Latino, Porto, 2007.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio:** a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en internet.** Barañáin: Ediciones Universidad de Navarra, 2005

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Marco. **O que é interatividade.** In. Boletim técnico Senac, v.24, nº2, Rio de Janeiro, 1998

TOMASSELLI, Tovar. **Freud e o conceito de racalcamento.** In: Rede Psy, 2007.

ZAMITH, Fernando. **A contextualização no ciberjornalismo.** 293 f. 2011. Tese (doutorado em Informação e comunicação em plataformas digitais). Faculdades de Letras. Universidade do Porto, 2011.